



RAÍZES MISTAGÓGICAS DA LITURGIA CRISTÃ

(Mystagogic roots of christian liturgy)

Thiago Aparecido Faccini*

Mestrando em Teologia da PUC/SP

RESUMO

A mistagogia e o método mistagógico usado pelos Santos Padres volta a ser estudado, pela teologia, catequese e liturgia, servindo de inspiração e modelo à formação cristã, principalmente na teologia litúrgico-sacramental. A Mistagogia é a arte de conduzir os fieis para dentro do mistério celebrado, revelando-o através de cada rito, gesto e símbolo. A partir da própria celebração, dando os códigos e chaves para que permitam os catecúmenos, os neófitos e fieis a descobrirem, a desvendarem pouco a pouco o mistério que ali se celebra. No presente artigo, busca-se identificar as raízes e características mistagógicas da liturgia cristã, a partir da liturgia da ceia judaica e da experiência vivida pelos Santos Padres em suas catequese.

Palavras-chave: Liturgia. Mistagogia. Catequese mistagógica. Ceia Judaica.

ABSTRACT

Mystagogy and the Mystagogic method used by the Holy Fathers has been studied by theology, catechesis and liturgy, becoming an inspiration and model for christian education, especially in liturgical and sacramental theology. Mystagogy is the art of leading the faithful into the celebrated mystery, revealing it through each rite, gesture and symbol. The celebration itself provides codes and keys to enable the catechumens, neophytes and faithful to discover, little by little, the mystery that is celebrated there. The aim of this paper is to identify the mystagogical characteristics and roots of the christian liturgy by studying the jewish supper liturgy and the experience lived by the Holy Fathers in their catechesis.

Keywords: Liturgy. Mystagogy. Mystagogic Catechesis. Jewish Supper.



INTRODUÇÃO

A liturgia é a vida, o centro, a fonte e o cume para onde convergem todas as ações da Igreja¹. A palavra Lit + urgia vem da língua grega: *laos* = povo e *ergon* = ação, trabalho, serviço, ofício, ou seja, a liturgia é a “ação do povo”, “serviço da parte do povo e em favor do povo”. Na tradição cristã, significa que o povo de Deus torna parte na “obra de Deus”. Pela Liturgia, Cristo, nosso redentor e sumo sacerdote, continua em sua Igreja, com ela e por ela, a obra da redenção.

Nenhuma comunidade vive sem a celebração da liturgia, pois ela é essencial na vida da comunidade². Nesse sentido as ações rituais devem ser bem entendidas e preparadas com zelo e carinho. As liturgias bem celebradas inserem as pessoas através da ação simbólico-ritual na vivência do mistério pascal de Cristo. Porém no segundo milênio da fé cristã, a liturgia perdeu muito do que era característico da sua origem. Tantas coisas desnecessárias foram inseridas nas igrejas (espaço litúrgico), e o que era essencial e de grande valor simbólico foi deixado de lado, ou esquecido.

Outro fator importante é que neste mesmo período (segundo milênio), a fé passou a ser por demais racionalizada, ou seja, o que antes era vivido, experienciado, depois compreendido nas escolas catequéticas, passou a ser estudado, depois vivido, havendo uma inversão de valores.

O presente trabalho busca apresentar um caminho para resgatar aquilo que é essencial na fé, a partir da vivência mistagógica da liturgia, inserindo o catecúmeno na prática ritual-celebrativa da vivência da fé comunitária.

1. CONCEITO DE MISTAGOGIA

Cinquenta anos após o Concílio Ecumênico Vaticano II, que propôs a volta às fontes do cristianismo, aprofundaremos na compreensão e o resgate do termo “mistagogia”, palavra muito comum e usual principalmente pelos Padres da Igreja dos séculos II a IV.

O Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA), reformado por decreto do Concílio Vaticano II³, e promulgado pelo Papa Paulo VI, incorporou a mistagogia como o último de seus quatro tempos, a



ser realizado durante todo tempo pascal como finalidade da recolha da experiência e dos frutos da vida cristã e o convívio com a comunidade, estabelecendo e criando laços⁴.

Porém, a mistagogia não fica restrita a este tempo específico, chamado pelo ritual de “mistagogia dos neófitos”, ou seja, dos recém-batizados. Tanto o DGC (Diretório Geral de Catequese), quanto o DNC (Diretório Nacional de Catequese), insistem na dimensão mistagógica de toda a formação cristã. O Papa João Paulo II disse: “É mister [...] que os Pastores encontrem a maneira de fazer com que o sentido do mistério penetre nas consciências, redescobrimo e praticando a arte ‘mistagógica’, tão querida pelos Padres da Igreja⁵”.

Mais que um tempo como proposto pelo RICA, mistagogia pode ser entendido como um “método” utilizado com muito sucesso nos primeiros séculos. Descobrir o significado do termo mistagogia e sua compreensão grega nos ajudará a entender melhor, como veremos a seguir.

1.1. O TERMO MISTAGOGIA E SUA COMPREENSÃO GREGA

O termo “Mistagogia” é uma palavra derivada da língua grega e é composto de duas partes: ‘mist’ (vem de ‘mistério’) + ‘agogia’ (tem a ver com ‘conduzir’, ‘guiar’...) Assim pode-se traduzir mistagogia como: a ação de guiar, conduzir, para dentro do mistério, ou ainda, ação pela qual o mistério nos conduz. “Etimologicamente possui o sentido de ser conduzido para o interior dos mistérios. [...] Na antiguidade cristã, o termo designa, sobretudo, a explicação teológica e simbólica dos ritos litúrgicos da iniciação, em particular do Batismo e da Eucaristia”⁶.

Os padres gregos usam os termos *mystagôgêô* (introduzo ao mistério) e *mystagôgia* (introdução aos mistérios), ao recordarem a iniciação sacramental⁷.

Estes termos eram aplicados em diferentes situações e significados:

- como introdução aos mistérios;
- como iniciação ao mistério do Batismo e da Eucaristia;
- como a revelação na Bíblia;
- como introdução ao Mistério de Cristo, do Espírito Santo e da Igreja;
- e também como ensinamento espiritual.



O termo mistagogia se apresenta como referência não apenas com relação aos sacramentos de Iniciação, ao se dedicar a iniciar aos mistérios e ou explicá-los depois de havê-los experimentado, como no caso das catequeses mistagógicas de Cirilo de Jerusalém, João Crisóstomo, Gregório Nazianzeno, Gregório de Nissa, Ambrósio de Milão, mas também por constituir atenta, minuciosa e às vezes complexa, explicação de cada palavra e gesto. A Bíblia com seus textos e alusões, a liturgia com o simbolismo de seus ritos.

O método mistagógico usado pelos Padres identifica três elementos: a valorização dos símbolos na liturgia; a interpretação dos ritos à luz da escritura, na perspectiva da história da salvação; a abertura ao compromisso cristão e eclesial, expressão da vida nova em Cristo⁸.

Ione Buyst, diz que há ainda duas palavras que se relacionam ao termo mistagogia: a primeira é o “mistagogo” ou “mistagoga” que se refere a pessoa que realiza a mistagogia, que inicia, que conduz ao conhecimento do mistério; a segunda é “mistagógico” ou “mistagógica” que é o adjetivo derivado de mistagogia⁹.

Sendo assim, pode-se dizer que a Mistagogia é a arte de conduzir os fieis para dentro do mistério celebrado, o revelando através de cada rito, gesto e símbolo. É partir da própria celebração, dando os códigos e chaves para que permitam os catecúmenos, os neófitos, fieis a descobrirem, a desvendarem pouco a pouco o mistério que ali se celebra. O “mistério da fé”!

2. A MISTAGOGIA NOS RITOS DE ISRAEL

É importante recordar que as raízes do cristianismo estão no judaísmo. Ao buscar entender e conhecer os ritos celebrados no antigo e novo Israel, antes e após Jesus de Nazaré, facilmente se identificará familiaridade nos ensinamentos e transmissão da fé na liturgia judaica com a mistagogia da Igreja cristã primitiva.

Uma breve análise da estrutura e de alguns ritos da celebração anual da páscoa judaica ajudará a identificar as raízes da mistagogia e do método mistagógico praticado pelos Santos Padres.



2.1. ELEMENTOS MISTAGÓGICOS DA CEIA JUDAICA NO TEMPO DE JESUS

A páscoa judaica é a celebração da libertação do povo de Israel da escravidão do Egito. Este momento tão importante e significativo na vida e na história de um povo não pode ser esquecido. É necessário fazer memória, não no sentido apenas de lembrar, mas de atualizar. A celebração anual da páscoa judaica é, portanto, a prefiguração litúrgica da saída do Egito, da passagem a pé enxuto do mar, para a libertação.

Este evento vivido e atualizado a cada ano, é um conjunto bastante complexo de ações, palavras e gestos. É também um importante momento para transmitir às novas gerações a fé professada. A estrutura ritual, como de costume na tradição religiosa judaica tem intuito didático, preocupando-se com a clareza e o entendimento na íntegra de cada rito¹⁰.

Vejamos abaixo a estrutura compilada por Cesare Giraudo:

O ritual do anúncio da páscoa

PRIMEIRA PARTE: RITO DE INTRODUÇÃO

- <1> CONSAGRA (*Qaddēs*): pronuncia-se a benção do *Quiddúš* [consagração] sobre o vinho
- <2> E LAVA (*Urehás*): lavam-se as mãos sem pronunciar a bênção respectiva
- <3> AIPO (*Karpás*): imerge-se o aipo no vinagre ou na água salgada
- <4> REPARTE (*Yahás*): parte-se o ázimo intermédio em dois e se esconde uma parte para *epiqomon*

SEGUNDA PARTE: ANÚNCIO PASCAL E CEIA

- <5> ANUNCIA (*Maggíd*): Diz-se o anúncio
- <5.1> Introdução em aramaico (“Este é o pão de miséria...”)
- <5.2> A pergunta do filho (“Por que esta noite é diferente...”)
- <5.3> A primeira introdução ao *midrás* (“Fomos escravos...”)
- <5.4> Exemplificações instrutivas sobre o tempo da *Haggadá* (“por toda a noite”).
- <5.5> Exemplificações instrutivas sobre os destinatários da *Haggadá* (“...os quatro filhos: o sábio, o mau, o íntegro e aquele que não sabe perguntar...”)
- <5.6> A segunda introdução ao *midrás* (“Desde o início...”)
- <5.7> O *midrás* (“O arameu queria destruir meu pai...”)



- <5.8> Acréscimos ao *midráš* (três interpretações rabínicas sobre o número das pragas e a ladainha “Ter-nos-ia bastado”)
- <5.9> O ensinamento do Rabbán Gamli’él
 - <5.9.1> Ensinamento negativo (“Quem não diz...”)
 - <5.9.2> Ensinamento positivo (“Em cada geração...”)
- <5.10> A primeira secção do *Hallél* (Sl 113-114)
- <5.11> A bênção da redenção
- <6> LAVA (*Rahás*): Lavam-se as mãos e pronunciam-se a bênção ao lavar as mãos
- <7> QUE FAZES SAIR / O ÁZIMO (*Moši` Maşá*): Pronuncia-se a bênção “Que fazes sair” e a Bênção “Comer o ázimo”.
- <8> AMARGA (*Marór*): toma-se um pouco de erva amarga e se imerge no *haróset*
- <9> ENVOLVE (*Korék*): Envolve-se em um pedaço de alface o ázimo e o *haróset*
- <10> PREPARA A MESA (*Šulhán`orék*): prepara-se a mesa para comer
- <11> ESCONDIDO (*šafún*): come-se o ázimo guardado para *epíqomon*

TERCEIRA PARTE: BÊNÇÃO DEPOIS DA CEIA

- <12> BENDIZ (*Barék*): pronuncia-se a bênção *Birkát hammazón*
 - <12.1> A *Birkát hazzimmún* ou diálogo invitatório
 - <12.2> A *Birkát hazzimmún* ou bênção depois da refeição
 - <12.3> A bênção “O bom e o benéfico” e a ladainha “Ele é compassivo”
 - <12.4> A bênção “Criador do fruto da videira”

QUARTA PARTE: RITO DE CONCLUSÃO

- <13> LOUVA (*Hallél*): conclui-se o *Hallél*
 - <13.1> Os versículos da ira
 - <13.2> A segunda secção do *Hallél* (Sl 115-118.136)
 - <13.3> A *Birkát haššír* ou bênção do cântico
 - <13.4> A tríplice bênção
- <14> É AGRADÁVEL (*Nirşáh*): “Porque Deus já recebeu com agrado tuas obras”¹¹.

Esse breve esquema mostra a rica e complexa estrutura e ordem simbólico-ritual da *Pessach*. A mistagogia está presente desde a preparação e execução de todo o rito, porém, serão observados apenas três elementos.

O espaço preparado para a ceia e sua organização é o primeiro elemento identificado. É implícito e pode ser atestado pela pergunta do filho “Por que esta noite é diferente...”. Neste dia, pode-se crer



que tudo é preparado nos mínimos detalhes, desde a decoração, organização da sala, louças e alimentos. Tudo tão organizado que indica, sem anúncio verbal, que aquela noite é diferente de todas as outras.

A mistagogia nesse sentido não é feita verbalmente, mas através da visão. Só de adentrar na sala para refeição já se remete a algo novo, diferente, célebre, importante... Cada festa do calendário judaico continha seus próprios símbolos e ritos específicos, que exigiam uma organização e prévia preparação. Estes elementos tornam-se catequéticos, mistagógicos. A pergunta do filho é mais um elemento mistagógico que pode ser identificado.

A pergunta especificada em quatro exclamações de admiração¹² atesta a importância da presença de crianças na ceia. Nesta noite sua presença é momento oportuno de mistagogia, onde serão inseridas num anúncio salvífico, onde se cumpre a prescrição descrita no livro do Êxodo 13,14 de se transmitir de geração em geração o anúncio da libertação¹³.

“O que nós ouvimos, o que aprendemos, o que nossos pais nos contaram, não ocultaremos a nossos filhos; mas vamos contar à geração seguinte as glórias do Senhor, o seu poder e as obras grandiosas que Ele realizou” (Sl 78,3-4).

Na literatura talmúdica há testemunhos da atenção que mestres respeitáveis costumavam dar às crianças na noite de páscoa, esforçando-se de todos os modos por interessá-los e mantê-los despertos, de maneira que estivessem em condição de formular as perguntas. Desses pormenores se entrevê a figura de um pai disponível, solícito e constantemente preocupado em adaptar-se à real compreensão do filho e de cada comensal que o filho representa, para fornecer-lhe a informação que lhe permitirá estar envolvido salvificamente no evento da páscoa¹⁴.

Por fim, o *matzá*, pão em forma de bolacha, não contendo fermento e assado rapidamente, lembra o povo que não teve tempo para que a massa levedasse e o tem que assar às pressas no momento da saída do Egito. É o alimento da mesa judaica durante todos os dias de *Pessach*, substituindo o pão fermentado. O mandamento da não ingestão de pão fermentado descrita em Êxodo 12, descreve que no décimo quarto dia do mês de *Nissam* deve-se retirar todo o fermento (*chametz*) de dentro da casa.

A busca pelo *chametz* é feita à luz de uma vela, onde os membros da família percorrem toda a casa em busca de qualquer alimento fermentado, como migalhas de pão, biscoito etc. Costuma-se ainda



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 8, n. 14, jul/dez, 2014, p. 262-273.

espalhar livremente dez pedaços de pão bem embrulhados no interior da casa, para serem achados e coletados pelas crianças, munidas de uma pena, “varrerem” todo o *chametz* ao encontrá-lo.

Na noite do *Seder* (jantas de Pessach), três¹⁵ *matzot* são colocadas no centro de uma bandeja e utilizadas em vários momentos do ritual. É mais um momento mistagógico, onde através do simbolismo do não fermento, se transmite toda uma tradição, onde cada geração deverá sentir como se eles próprios tivessem sido libertados do Egito. A explicação, a busca e o comer o pão ázimo mantém viva a memória do povo liberto da escravidão.

O local da celebração, a preparação, o ritual em suas catorze divisões e palavras, os alimentos simbólicos, formam um todo, que revelam a história, o passado, presente e futuro de um povo.

Nesse sentido, a liturgia cristã recebe como herança tal tradição, onde cada tempo litúrgico, expressado por seus cantos, cores e símbolos revelam o mistério celebrado e vivido ao longo do tempo.

As leituras bíblicas, unida à homilia orientam e clarificam o mistério celebrado. O sacrifício e banquete, dado em alimento, atualiza e exprime a história e identidade do povo de Deus, de um só corpo.

3. A MISTAGOGIA CRISTÃ

Com elementos herdados da tradição judaica e com a novidade do evento salvífico da morte e ressurreição de Jesus Cristo, as primeiras comunidades cristãs formadas criaram aos poucos e redigiram em partes seus ensinamentos transmitindo-os aos que se convertiam à fé cristã.

Os escritos, tidos como testemunhos literários do depósito da fé, dos apóstolos à primeira ou segunda geração pós-apostólica¹⁶, em síntese tradições litúrgicas e canônicas, compiladas receberam o nome de “*Didaché*” ou ainda “Doutrina dos Apóstolos” ou um nome mais completo “Doutrina do Senhor através dos doze Apóstolos”.

Esses escritos foram fundamentais para compreender a doutrina e a prática da Igreja primitiva. Une-se à *Didaché* muitos outros textos posteriores que para um estudo mais aprofundado poderão ser tomados: Epístola de Santo Inácio de Antioquia; Carta de São Clemente Romano; Tradição Apostólica de Hipólito; Catequese de São Cirilo de Jerusalém; Peregrina de Etéria etc.



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 8, n. 14, jul/dez, 2014, p. 262-273.

Uma rápida análise dos textos da *Didaché*, permite identificar um caminho mistagógico realizado pelos cristãos da Igreja primitiva ao acolher os que queriam abraçar a fé.

Em três etapas os primeiros cristãos transmitiam os fundamentos da fé do cristianismo aos catecúmenos e os introduziam na vida litúrgica e comunitária.

No texto da *Didaché*, nota-se que as comunidades ainda não estão estruturadas, mas pode-se dizer, que esse pequeno manual de catequese utilizado pelos primeiros cristãos, com influências do judaísmo e do paganismo, foi a base para a mistagogia cristã, pois dela, beberam os antigos Padres da Igreja.

Na Igreja primitiva, a catequese feita por tais Padres especulavam nas celebrações e a partir das celebrações. Não estavam preocupados em dar explicações e formas sistemáticas. Cesare Giraudou faz um convite a imaginar, por exemplo, Ambrósio de Milão (+ 397), ao falar do tratado sobre a eucaristia:

O mestre não se põe no centro da cena, mas do lado: No centro está o altar, já que estamos na igreja. Mistagogo e neófito comportam-se como se tivessem, à maneira dos camaleões, o controle independente dos olhos. Com um olho, ou seja, com o olhar material, mestre e discípulo se olham: o mistagogo olha com amor para os neófitos e os neófitos olham com confiança para o mestre. Mas com o outro olho, o olho teológico, mestre e discípulo olham para o altar, não perdem de vista um só instante. O altar é o verdadeiro mestre!¹⁷.

Quer entender que a mistagogia, que o “método mistagógico”, e a compreensão da liturgia, não cabem em uma sala e numa relação professor x aluno ou mestre x discípulo, como afirma ainda Cesare Giraudou ao explicar a metodologia usada no segundo milênio da fé:

O mestre olha os discípulos, os discípulos olham o mestre; nenhum deles olha a Igreja, nenhum deles olha o altar. Ao que professaram na escola hão de volver-se as mentes de mestres e discípulos quando se encontrarem na Igreja a rezar, pois logicamente primeiro estudam e depois rezam, rezam na medida em que estudam, rezam como estudaram¹⁸.

Para os padres da Igreja é evidente que a mistagogia,

é um ensinamento ordenado a fazer compreender o que os sacramentos significam para a vida, mas que supõe a iluminação da fé que brota dos próprios sacramentos; o que se aprende na celebração ritual dos sacramentos e o que se aprende vivendo de acordo com o que os sacramentos significam para a vida¹⁹.



É um ensinamento que parte da prática, da vivência. É impossível reduzir a relação da pessoa de fé com o mistério de Deus e de seu Reino, revelado por Jesus em conceitos racionais, dogmas ou a um código moral, ou ainda à uma mera explicação. É necessário ser iniciado no conhecimento do mistério, na comunhão com Deus, não somente com palavras, mas principalmente através de uma experiência eclesial e ritual do mistério de Cristo que leve o fiel a uma vida de fé, centrada na pessoa dele²⁰.

Nesse sentido, ao escrever a exortação apostólica pós-sinodal sobre a Eucaristia, o Papa Bento XVI diz:

O Sínodo dos Bispos recomendou que se fomentasse, nos fiéis, profunda concordância das disposições interiores com os gestos e palavras; se ela faltasse, as nossas celebrações, por muito animadas que fossem, arriscar-se-iam a cair no ritualismo. Assim, é preciso promover uma educação da fé eucarística que predisponha os fiéis a viverem pessoalmente o que se celebra. Vista a importância essencial desta participação pessoal e consciente, quais poderiam ser os instrumentos de formação mais adequados? Para isso, os padres sinodais indicaram unanimemente a estrada dum catequese de carácter mistagógico, que leve os fiéis a penetrarem cada vez mais nos mistérios que são celebrados²¹.

A mistagogia e todo o método mistagógico, que foi a base da Iniciação Cristã dos primeiros séculos da Igreja, desenvolvido e usado pelos Santos Padres voltam a ser estudado, pela teologia, catequese e liturgia, não para aplicá-lo tal qual, mas para servir de inspiração e modelo à formação cristã, principalmente na teologia litúrgico-sacramental. Ponto de referência desse tipo de formação é a participação litúrgica e a experiência que nos proporciona um contato vivo e pessoal com o mistério da fé²².

CONCLUSÃO

A prática ritual e os espaços em que a fé é celebrada revelam a crise na atualidade e na realidade de muitas comunidades. O distanciamento entre catequese e liturgia, e a sua racionalização, fez com que na grande maioria das vezes a liturgia não passasse de mero ritualismo.

Os ritos e símbolos não comunicam, não falam mais ao fiel que ali está. É preciso tudo se explicar, ou “inventar” ou “criar”, algo que “dinamize” nossas celebrações, para que haja uma “participação”



por parte da assembleia, pois para muitos a ação ritual não passa de uma mera repetição de ações chata e monótona.

Para tanto, uma liturgia bem celebrada, com um ambiente bonito, arejado e iluminado, valorizando os elementos fundamentais que constituem o espaço litúrgico, respeitando a espiritualidade própria do calendário litúrgico, com seus símbolos e ritos, fazendo o caminho pedagógico e mistagógico proposto por ele é de fundamental importância para se ter uma liturgia mistagógica, que comunique e conduza para o Mistério.

Redescobrir as raízes mistagógicas da liturgia cristã, buscando no judaísmo o entendimento e a dinâmica de sua espiritualidade, bem como, compreender a liturgia cristã, sua formação e transmissão nos primeiros séculos da fé cristã, voltando às suas origens, nos ajudará a resgatar o que é fundamental dos ritos e símbolos, e conscientizar o fiel daquilo que é essencial na fé, dando-lhes as chaves para compreensão e interpretação da ação realizada, fazendo com que o mesmo faça essa experiência mística com Jesus Cristo.

Portanto, o contato com liturgias mistagógicas, onde os ritos e símbolos são vivenciados e bem compreendidos na sua essência, e que leve o catecúmeno a se encontrar com o mistério pascal de Cristo, é o primeiro passo para uma fé viva no seio da comunidade celebrante.

BIBLIOGRAFIA

BENTO XI. *Sacramentum Caritatis*. Sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. Disponível em: <http://www.vatican.va> Acesso em: 12 de março de 2014.

BUYST, Ione. Mistagogia hoje: como e quando? In: *Revista de liturgia*. n. 202, jul/ago. 2007.

_____. *O segredo dos Ritos*. Ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã. São Paulo: Paulinas, 2011.

COMPÊNDIO do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações. 29ª Ed. Vozes: Petrópolis 2000.

COSTA, Rosemary Fernandes da. *Mistagogia Hoje*. O resgate da experiência mistagógica dos séculos III e IV como contribuição para a evangelização atual. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em Teologia Sistemático-pastoral. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.puc-rio.br>. Acesso em 20 de fevereiro de 2014.

_____. Mistagogia na Eucaristia: Recaminhar nas fontes dos padres da Igreja. In. BOFF, Lina (org.). *A Ceia do Senhor nos une e nos reúne*. Juiz de Fora: Editar; São Leopoldo: Oikos, 2013.



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 8, n. 14, jul/dez, 2014, p. 262-273.

GIRAUDO, Cesare. *Num Só Corpo*. Tratado mistagógico sobre a Eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003.

RITUAL da Iniciação Cristã de Adultos. São Paulo: Paulus, 2001.

SANCHEZ, Victor. A liturgia como fonte da espiritualidade cristã. In: *Manual de Liturgia*. Vol. IV. São Paulo: Paulus, 2007.

VALLE, S. *Pastoral Litúrgica*. Uma proposta um caminho. 4ª Ed. Loyola: São Paulo, 1998.

ZILLES, Urbano. *Didaqué*. Catecismo dos primeiros cristãos. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. *Significação dos Símbolos Cristãos*. 6ª Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

Notas

* Mestrando em Teologia da PUC/SP.

¹ *COMPÊNDIO* do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações, p. 256.

² VALLE, S. *Pastoral Litúrgica*. Uma proposta um caminho. p.11.

³ Cf. SC 64-65; AG 14; CD 14.

⁴ Cf. *RITUAL* da Iniciação Cristã de Adultos n.7, p. 23.

⁵ BUYST, Ione. *O segredo dos Ritos*. Ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 115.

⁶ COSTA, Rosemary Fernandes da. *Mistagogia Hoje*. O resgate da experiência mistagógica dos séculos III e IV como contribuição para a evangelização atual. Dissertação (Mestrado em Teologia.) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em Teologia Sistemático-pastoral. Rio de Janeiro, 2003. p. 66. Disponível em: <<http://www.puc-rio.br>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2014.

⁷ Id. Mistagogia na Eucaristia: Recaminhar nas fontes dos padres da Igreja. In: BOFF, Lina (org.). *A Ceia do Senhor nos une e nos reúne*. Juiz de Fora: Editar; São Leopoldo: Oikos, 2013.

⁸ SANCHEZ, Victor. A liturgia como fonte da espiritualidade cristã. In: *Manual de Liturgia*. Vol. IV. São Paulo: Paulus, 2007. p. 443.

⁹ BUYST, Ione. *O segredo dos Ritos*. Ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 115.

¹⁰ GIRAUDO, Cesare. *Num Só Corpo*. Tratado mistagógico sobre a Eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003, p. 99.

¹¹ GIRAUDO, Cesare. *Num Só Corpo*. Tratado mistagógico sobre a Eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003, p. 101-102.

¹² O Centro de Cultura Judaica de São Paulo descreve e traduz no Hagadá de Pessach 5772/2012 as interrogações do filho (Ma Nishtana): “O que destaca esta noite de todas as outras noites? Em todas as noites comemos pão fermentado ou matzá. Esta noite somente matzá. Em todas as demais noites comemos qualquer espécie de ervas amargas. Esta noite especialmente ervas amargas. Em todas as demais noites não costumamos ensopar a erva nenhuma vez; esta noite, duas vezes. Em todas as demais noites jantamos de maneira habitual; esta noite jantamos com cerimônia especial”.

¹³ GIRAUDO, Cesare. *Num Só Corpo*. Tratado mistagógico sobre a Eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003, p. 105.

¹⁴ *Ibidem*, p. 105.

¹⁵ Representando os três grupos de judeus: *Cohanim, Leviin* e Israel.

¹⁶ ZILLES, Urbano. *Didaqué*. Catecismo dos primeiros cristãos. Petrópolis: Vozes, 1970, p. IX.

¹⁷ GIRAUDO, Cesare. *Num Só Corpo*. Tratado mistagógico sobre a Eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003, p. 8- 9.

¹⁸ *Ibidem*, p. 7.

¹⁹ SANCHEZ, Victor. A liturgia como fonte da espiritualidade cristã. In: *Manual de Liturgia*. Vol. IV. São Paulo: Paulus, 2007. p. 443.

²⁰ BUYST, Ione. *O segredo dos Ritos*. Ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 116.

²¹ BENTO XI. *Sacramentum Caritatis*. Sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. Disponível em: <<http://www.vatican.va>> Acesso em: 12 de março de 2014, n. 64.

²² BUYST, Ione. Mistagogia hoje: como e quando? In: *Revista de liturgia*, n. 202.